NOVELLAE OLIVARUM



ANO IX / NOVEMBRO 1951 / N.º 89

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO MAURÍCIO
Redactores — FERNANDO CAMPOS
— JOÃO PERESTRELLO
Proprietário e Editor — INÁCIO VIEGAS
Administrador — MANUEL HEITOR

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

Com o bispo — Fernando Maurício 147

A propósito de uma Exposição — A. Baptista dos Santos 153

Problemas da Cristandade — Impressões de Sua Eminência o Cardeal Gerlier sobre alguns problemas da hora actual — F. C. A. J. 156

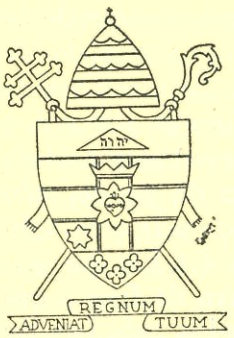
Les caractères du Plain-Chant — Dom Suitbert Caron O.S.B. ... 163

Crónica de hoje 167

Um livro que lhe é útil 170

Apesar de toda a boa vontade, não nos permitem as actuais circunstâncias manter por mais tempo as condições extraordinárias de assinatura, que esta administração vinha mantendo. Vemo-nos por isso obrigados a modificar o preço da assinatura anual para 25$00.

A ADMINISTRAÇÃO



COM O BISPO...

Dezoito de Novembro é para o Patriarcado um dia grande, dia solene, dia festivo, pois celebra o aniversário da eleição do pontífice diocesano.

Contudo, acima de todas as manifestações de externa alegria e congratulação, a data de hoje exige, antes de mais, uma profunda, convicta e ardente profissão de fé no Bispo e na Igreja.

Habituados às realidades sobrenaturais e conhecedores perfeitos dos seus aspectos visíveis, corremos muitas vezes o risco de passarmos superficialmente por elas, sem lhes penetrarmos o sentido, sem captarmos a riqueza que encerram. Nem é muito de estranhar que assim suceda. Limitados como somos, vivendo no tempo e no espaço a nossa apreensão do sobrenatural faz-se por actos parcelares e adesões sucessivas. Preocupados com uma faceta, descuramos as outras.

Dada esta incapacidade radical, com a agravante de todas as consequências duma natureza sempre propensa à incúria e ao desleixo, é necessário de vez em quando fecharmos os olhos, contemplarmos e actualizarmos por um acto de fé consciente, a nossa adesão àquelas realidades sobrenaturais, que nos foram comunicadas pelo dom da incorporação em Cristo.

Ora o dia de hoje é para nós ocasião, sobremaneira propícia, para considerarmos uma dessas realidades fundamentais na Igreja — o Bispo.

Sucessor dos apóstolos, ele possui em plenitude o Sacerdócio de Nosso Senhor Jesus Cristo, pois em Si concentra todas as formas de mediação. Posto por Deus à frente de determinada porção do rebanho de Cristo — a Diocese — Ele é aí Pontífice, Doutor, Chefe, Santificador. Pontífice: ligando Deus e os homens — sacrificando no Altar, e oferecendo o acto de louvor; Doutor: fazendo em nome de Deus, a comunicação da verdade incorruptível; Chefe: governando, e orientando no combate espiritual; Santificador: comunicando como fonte e canal o dom da graça. O Bispo

é na Igreja algo de essencial. Já Santo Inácio de Antioquia escrevendo às cristandades por que ia passando na sua via-sacra gloriosa a caminho de Roma, afirmava: «Onde está o Bispo aí devem estar os fiéis, como onde está Jesus Cristo aí está a Igreja Católica. Todo aquele que pertence a Deus e a Jesus Cristo, está com o Bispo. É preciso portanto estar unido a Ele, como a Igreja o está a Cristo e Cristo ao Pai, a fim de que em tudo reine a harmonia e a unidade». A missão de salvar o mundo pela renovação do Sacrifício Redentor, pela pregação, pelos sacramentos é a Ele que pertence. Todavia «a extensão do território, o grande número de fiéis a que se estende a Sua paternidade espiritual, e múltiplos cuidados, tudo isso lhe impede que exerça por Si só, todas essas funções. Vê-se por isso obrigado, a chamar alguém a quem dê uma participação maior ou menor do seu poder mediador, sacerdotal — são os padres diocesanos, cooperadores do ministério do seu Bispo, dele inteiramente dependentes, não apenas na Ordenação, mas no exercício de quaisquer funções que lhe foram confiadas». Daqui a necessidade da união com o Bispo. É ainda Santo Inácio que exclama: «*Só há união com Deus, onde há comunhão com o Bispo*». Quando no século XVI o rei da Noruega, abandonando a Igreja Católica se passou ao Protestantismo, não moveu qualquer perseguição contra os sacerdotes, ou contra os fiéis; suprimiu e afastou sòmente os Bispos, e cinquenta anos depois, o catolicismo desaparecera completamente daquele país. *Onde não há Bispo, não há Igreja.*

Incumbindo-lhes a responsabilidade de guiar até Deus os homens que lhes foram confiados, correlativamente incumbe aos homens o dever da obediência total ao seu Bispo.

Proporciona-se-nos agora a ocasião de dizermos breves palavras, sobre um dos aspectos eclesiológicos que reputamos da máxima importância: a obediência na Hierarquia.

Deixando de lado o significado etimológico de hierarquia ἀρχή ἱερά, autoridade sagrada, passemos ao significado comum aquele que nos interessa directamente. Hierarquia em geral, é a repartição da autoridade única ordem subordinada para um fim determinado; no nosso caso, é a série de pessoas sagradas que têm a missão coordenada de dirigir para o seu fim sobrenatural, a sociedade cristã. Sociedade perfeita, a Igreja que permanecendo una, enquanto concentra a plenitude do poder no Vigário de Cristo, é ao mesmo tempo hierárquica, por quanto reparte por vários graus a comunicação e distribuição desses poderes.

Radicada embora na sua instituição divina e dela inseparável, enquanto dependeu da livre vontade de Cristo, esta característica eclesial, constitui — encarada mesmo sob o ponto de vista humano — uma das maiores garantias da eficiência da Igreja e por conseguinte o afastamento dela é, e tem sido na história, a causa dos grandes desvios e das maiores falências.

Sendo toda a hierarquia construída sob um princípio de justa apreciação de valores, que examinados à luz dum critério independente, faz colocar uma coisa ou um homem acima doutra coisa ou doutro homem, toda ela postula uma norma de poder actuar que terá a sua concretização máxima na obediência.

Obedecer é na expressão de São Tomás de Aquino «empregar a vontade a acolher a vontade de outrem e em consequência, mover-se a si mesmo». O critério deste «mover-se» é que é vário, consoante o que chamaremos, vários modos de obediência. Assim, alguém escreveu, que para o grego, obedecer era compreender; o chefe era o orador que persuadia o cidadão de que as medidas que entendia deverem tomar-se, eram as mais proveitosas; para o escravo romano obedecer era executar pontual e indiferentemente, como máquina, as ordens recebidas.

Para o Cristão, obedecer é prestar-se a agir à ordem daquele em que se reconhece autoridade, não em virtude das razões alegadas, mas em virtude do próprio convencimento do princípio incontestável de que Deus, quer governar os homens por outros homens, a quem fez representantes visíveis da sua suprema autoridade.

Em toda a socedade é necessária uma sujeição dos diversos postos de comando entre si, que organiza todas as coisas em ordem a um fim determinado. Em qualquer trabalho de colaboração — e sendo o homem eminentemente social não pode prescindir dela — *é necessária uma dependência que não é de modo algum abdicação dos direitos pessoais, antes uma valorização de capacidades de cada indivíduo para um maior rendimento colectivo.*

Esta vinculação tem a sua expressão máxima, na Igreja, no poder de ordem, que faz depender os indivíduos uns dos outros não por um liame externo, mas por um vínculo interior, indelèvelmente impresso na alma. Esta participação do Sacerdócio de Cristo, gera uma subordinação, variável segundo os tempos, circunstâncias, e a própria natureza dos poderes. E assim do poder de ordem, brota o outro poder, existente na Igreja: a jurisdição.

Todo este poder se concentra como já atrás dissémos, no Vigário de Cristo do qual em grau eminente, participam os bispos a Ele subordinados e por intermédio destes, os sacerdotes e os outros clérigos.

«A autoridade do Bispo, não é limitação arbitrária e incómoda da liberdade de cada um, mas antes auxílio poderoso e eficaz da sua libertação». Importa, pois, que esta obediência seja sobrenatural — como a Cristo que o Bispo visìvelmente representa, como a Deus Pai de que o Bispo é figura, no dizer de Santo Inácio — *numa palavra importa que seja universal e pronta, feita de compreensão e amor.*

*
* *

A cinco de Agosto de 1929, carregado de sofrimentos e de méritos, entregava a alma a Deus, o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo. Ficara orfã a Igreja Lisbonense que logo ergueu as mãos ao Céu, pedindo instantemente para si o Enviado do Senhor.

Passaram três meses. No dia dezanove de Novembro, pelas 16 horas da tarde, Monsenhor Beda Cardinale, núncio em Lisboa, comunica ao Arcebispo de Mitilene que na véspera Sua Santidade Pio XI o havia preconizado Patriarca de Lisboa. Ao ter notícia da augusta nomeação, o Patriarcado inteiro exultou de alegria. É que no catedrático de Coimbra, no pensador eminente, no educador experimentado, no director de consciências, Lisboa via surgir o homem providencial, o Bispo desejado: «Benedictus qui venit in nomine Dómini».

Dezoito de Novembro de 1929. Dia glorioso que ficará gravado em letras de ouro na história da velha cristandade lisbonense que desde Potâmio a D. António Mendes Belo, passando por D. Gilberto, D. João Anes, D. Jorge da Costa, D. Henrique, D. Tomás de Almeida, D. Fr. Francisco de São Luís e outros, tem sido regida por bispos eminentes, lídimas glórias da Igreja e da Pátria.

Dezoito de Novembro de 1929. O Patriarcado estava em festa. A esta Igreja, mãe de tantas cristandades, era dado como pastor D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

Passaram 22 anos e Aquele cujo advento foi uma explosão de alegria, cuja aparição foi uma aurora de esperança, surge hoje diante de nós na luz dum clarão sobrenatural.

Reduzidas a escombros se encontravam as tradições gloriosas desta centenária metrópole, mãe de cristandades da Ásia, África e América, não pelo desleixo dos seus pastores — o último dos quais pagara com o exílio a coragem da sua fé e a intrepidez da defesa dos direitos da Igreja — mas pela acção corrosiva de falsos doutrinadores e perseguidores audazes. Era pois preciso restaurar e em muitos aspectos começar.

Dizer o que foram estes 22 anos de trabalhos, de lutas e de sofrimentos, talvez seja atrevimento. A resposta é óbvia, clara, está patente. São eles, toda a história duma ressurreição. Basta espraiar a vista e contemplar. Que vemos nós?

Três Seminários, um dos quais completamente restaurado, museu de arte em que cada pedra é uma lembrança e cada quadro uma tradição, e outros dois feitos de raiz, belos na simplicidade, majestosos na grandiosidade, que apregoam ao longe e ao largo, quanto pode um coração ardente e uma alma que confia.

Igrejas restauradas! Mudas durante tantos anos, falam, agora, «na voz dos sinos, e rezam nas agulhas dos campanários».

Templos novos, expressões da técnica e arte contemporâneas onde a alma se eleva e os olhos se extasiam. E não podemos deixar de fazer uma referência que é ao mesmo tempo profundo agradecimento por esta jóia de fé e de arte que é a nossa capela, anseio de tantas gerações de seminaristas. E nós fomos os primeiros que nela puderam erguer as mãos !

Mas há mais a contemplar. Obras, porém, que se admiram de olhos fechados. A restauração das almas.

Sacerdotes zelosos, apaixonados espalhando a luz e a verdade que têm haurido na palavra quente do Pastor com a coragem e intrepidez que leva tantos ao heroismo.

Seminaristas enamorados da beleza da sua vocação, que à sombra das paredes sagradas estudam, rezam e enchem a alma de claridades divinas, para serem os pregoeiros de Deus.

Religiosas dedicadas que na Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, votaram a sua vida inteira à glória de Deus, no serviço da Hierarquia, orando, sofrendo e trabalhando em união com o clero diocesano.

Almas escolhidas que na Acção Católica, pretendem «unir, organizar, e mobilizar, todos os que acreditam que Deus falou por Cristo e Cristo fala pela Igreja aos homens».

Congressos Eucarísticos, em que o Senhor passou entre flores e cânticos de amor, quer em charnecas áridas, quer em várzeas fecundas, «sementeiras de hóstias» entre chuvas de graça e perdão.

Será isto tudo? Não. Muito, muitíssimo fica por dizer. Talvez os maiores milagres fiquem esquecidos, fruto da realização maior, cuja grandeza só apreciaremos no Céu: A vida interior do nosso Venerando Prelado.

Passaram 22 anos e se em 1929 os corações exultavam, em 1951 *são as vozes que aclamam, são os olhos que choram, são as almas que agradecem, são os corações que cantam,* **são os lábios que rezam: Senhor, defendei, conservai, aviventai e enchei das Vossas graças o nosso Eminentíssimo Patriarca.**

FERNANDO MAURÍCIO

Rodeado por nós, representantes de todo o clero que trabalha no Patriarcado, secular e regular — sinto melhor a plenitude do meu sacerdócio. Vejo-o fecundo em obras de santidade e de apostolado. Trazeis-me a confiança de que não será vã a graça que me foi dada.

Patriarca com o Clero seu auxiliar — que é isto senão o próprio Sacerdócio de Cristo aqui presente, aqui continuado, aqui operante? A nossa união manifesta o Senhor, distribui os seus dons, «continua e completa a obra da Redenção».

Cardeal Patriarca na exortação ao clero em 1951

A propósito de uma Exposição

Ao percorrer o claustro dos Jerónimos, senti o palpitar das pedras, nas arcadas manuelinas, evocando a epopeia gloriosa dos portugueses, que, nas caravelas de outrora, partiram para longas terras, na dilatação do reino de Deus, dissipando as trevas do paganismo, com a luz salvadora do Evangelho.

Foi, porventura, frustrada ousadia tamanha?

A resposta estava, ali, a todos bem patente. Essa exposição magnífica de arte, é a expressão, bem clara, do progresso missionário, nas terras a que chamamos pagãs.

Desde a ingenuidade dos negros, à delicadeza dos orientais, tudo revela o labor recompensado, dos obreiros do Senhor e a universalidade da mensagem cristã, que por toda a parte encontra eco.

A arte africana reflecte mentalidade simples e civilização primitiva. São deficientes os materiais utilizados e, não menos desconhecidos os recursos da técnica. Na escultura — quase exclusivamente de madeira — o artista dá largas à fantasia; não se contentando com a forma recorre à cor, ao aparato garrido. No entanto, verifica-se uma tentativa constante, por expressar o mistério de Deus e as Suas relações com o homem. O carácter, embora rude, das figuras, reflectindo o meio, onde surgiram, parece ensaiar a libertação da matéria, para traduzir algo de mais elevado. Não é já o ídolo, o totem, mas a representação pobre do divino.

Devido ao excessivo apego ao natural, gravitam muito aquém da espiritualidade oriental, quanto às manifestações artísticas das verdades religiosas, correndo, portanto, o perigo de regresso à idolatria, na confusão do símbolo da imagem com a realidade objectiva. Importa, pois, que o missionário atenda à voz de Pio XII: «O missionário não tem por função transplantar a civilização especìficamente europeia, para as terras das missões, senão promover, que os povos de cultura milenária, se tornem aptos e prontos a assimilar os elementos de vida e hábitos cristãos».

Na imagem atarracada do Buda, de olhos semi-cerrados e pernas cruzadas, absorto em meditação, encontra-se o tipo característico da arte indiana. A espiritualidade e a contemplação das realidades superiores e metafísicas, são notas dominantes. Por isso se compreende que a idealizem a figura de Deus, não, lançando os braços sobre o espaço para criar o mundo, à maneira ocidental, mas pairando sobre os cumes do Himalaia, em atitude de repouso, como o Imutável, o Eterno, que tudo criou.

A arte indiana não é realista, como bem o atestam a pintura de Ângelo da Fonseca, destituída por completo de perspectiva, e as delicadas aguarelas de Frank Wesley, empregando uma só cor em tonalidades diversas, mas duma espiritualidade encantadora.

E são estes, com Alfred Thomas, os iniciadores da nova escola de pintura religiosa cristã, na Índia.

A arte chinesa ostenta nítidas características próprias, que a distinguem de qualquer outra.

A arquitectura funde-se com a natureza e com ela se harmoniza perfeitamente. Que dizer, das obras arquitectónicas ocidentais? Sem dúvida, obras-primas. Que diremos, porém, dos aristocráticos palácios chineses, construções, esquisitamente decoradas, pelos mais extravagantes motivos, destacando-se a custo, por entre exuberante vegetação, ou reflectindo-se, por vezes, em lagos serenos, num conjunto harmónico?

É que, a natureza, cedo despertou as atenções do povo chinês. Já, no século x da nossa era, os paisagistas descobrem a espiritualidade que daquela se evola. Por isso não procuram reproduzir, escravizando-se à realidade, antes, exprimem as impressões subjectivas. Para eles não há claro-escuro; só elegância, poesia e nobreza espiritual. Daí o simbolismo. As formas são a expressão do pensamento daquele que as concebeu.

O pintor é um aguarelista, que, levemente, vai lançando as cores em panos de seda ou papel. Ao invés da sólida pintura europeia, tudo fica aéreo e transparente, mas delicado e hàbilmente trabalhado, até aos mais pequenos pormenores. Se, a paisagem traduz as sensações do artista, é, sobretudo no rosto das figuras, que ele manifesta os sentimentos da sua alma e a receptividade para o dogma católico.

Oiçamos Lucas-Cheng, considerado como o fundador da moderna arte cristã na China: — «Há uma certa dificuldade em interessar os artistas, em motivos cristãos, porque se impõem sobre fundo histórico e episódico. Mas, no passado, o Budismo e o Taoísmo tiveram os seus grandes artistas

e as suas escolas, criando assim precedentes que podem servir de guia ao artista cristão».

A Índia, dizem, é o país da metafísica, a China o país da moral, o Ocidente terra de preocupações utilitárias, o Japão a terra da beleza.

A arte japonesa, filha da arte chinesa é semelhante a uma flor transplantada para clima diferente daquele onde floriu. Adaptou-se, não, porém, sem notável modificação. Perdeu a grandiosidade e tornou-se pequena e graciosa, como tudo o que é pequeno. Enriquecida de formas novas, é, agora, mais bela.

Com o budismo, recebeu, da Índia, novos e numerosos elementos iconográficos, com que foi modelada nas suas formas definitivas, adquirindo um cunho religioso. Poder-se-á, até, afirmar a sua religiosidade, mesmo quando encarou a natureza, porque viu nela, à luz da filosofia indiana, a correspondência com o espiritual e a projecção da Realidade Única. Com a perseguição religiosa do século XVII, a pintura perdeu, em parte, o seu carácter próprio. E, sobre a influência do ocidente, já, em nossos dias, passou, não direi a desprezar os valores do espírito, mas a encarar demasiado o real com prejuízo daqueles.

Contudo, o misticismo aflora sempre nas suas obras, ainda que realizadas segundo a técnica ocidental: exemplo frisante são as composições simples e populares de Tereza K. Koseki.

A arte dos orientais, porque clássica na espiritualidade, encontra-se, pois, em explêndidas condições, para aceitar as verdades cristãs, e, com vantagem superior a qualquer outra, as traduzir.

A. Baptista dos Santos

Esta é, em verdade, uma Exposição Católica de Fé e de Arte. Não poderia dar-se um mais claro exemplo de respeito e tolerância, do que mostrar tão expressivamente como o catolicismo da fé respeita o catolicismo da arte.

Ministro do Ultramar

PROBLEMAS DA CRISTANDADE

IMPRESSÕES DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL GERLIER SOBRE ALGUNS PROBLEMAS DA HORA ACTUAL

Ilustres visitantes nos deram a honra de aceitar a nossa hospedagem, por osasião do Congresso Internacional da Mensagem de Fátima. Com todos quereríamos trocar impressões, e receber ensinamentos, mas não o permitiu o trabalho intenso dos dias históricos do Congresso.

No entanto, vimos o nosso esforço recompensado pelas declarações oportunas de grandes figuras da Igreja, cujas palavras são luz para os problemas vários do Apostolado Moderno.

A seguir às palavras autorizadas de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Angel Herrera, Venerando Bispo de Málaga, «Novellae Olivarum» honra-se com a publicação do importante depoimento de Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardeal Gerlier, Arcebispo de Lião e Primaz das Gálias, que nos impressionou pela serenidade e segurança no apreciar de alguns problemas difíceis e delicados da vida da Igreja. Sua Eminência vem na continuidade dos grandes mentores da França Católica, e é o porta-voz das aspirações actuais do Catolicismo francês que afirma ousadamente a sua presença na incerteza e desorientação humana e religiosa do mundo actual.

Sua Eminência foi bem paciente e benévolo para com dois jornalistas de ocasião, atrevidos e indiscretos... E antes de entrar pròpriamente no assunto que ali nos levava começou por afirmar:

— «É natural que antes de mais nada fale das minhas impressões de Fátima. Foi para isso que eu vim, como antigo Bispo de Lourdes, onde estive oito anos, até entrar em Lião. Fátima não podia deixar-me indiferente. Venho de lá encantado e comovido.



Lourdes é, sobretudo, um magnífico santuário internacional. Durante o ano os peregrinos são mais de 1.300.000. No entanto, mais de metade não são franceses.

Ao passo que Fátima é, sobretudo e por enquanto, um magnífico santuário nacional. Multidão como em Fátima, nunca vi.

Estou a lembrar-me de multidões de 600.000 peregrinos. Em Fátima havia o dobro, com toda a certeza.

Em Lourdes a maior jornada foi ainda sob o meu episcopado, em 1935, no Encerramento do Ano Santo da Redenção, a que presidiu o então Cardeal Pacelli, como Legado Pontifício.

Pois não se juntaram lá mais de 300.000 peregrinos. Mas em Lourdes as peregrinações sucedem-se todos os dias ao longo do ano, enquanto que em Fátima são periódicas.

O que é único, em Fátima, é o fervor daquela gente. Alguns vieram a pé, dias e dias... famílias inteiras, pai, mãe, filhos... É admirável.

Aquela gente a rezar toda a noite... e a chuva não parava... e ninguém se recolhia...

Espectáculo único e magnífico, nunca vi outro igual.

Mas deixem-me dizer que há um aspecto em que Lourdes e Fátima se identificam. É que os dois grandes santuários marianos são ao mesmo tempo grandes santuários eucarísticos.

Em Lourdes, o momento culminante é a Procissão Solene do Santíssimo Sacramento. Em Fátima é a Adoração Nocturna, a Missa e a Bênção dos Doentes.

O facto mostra o erro dos nossos irmãos separados. O culto da Virgem é o melhor meio de prestar culto a Deus. Os maiores Santuários de Maria são tronos gloriosos da Eucaristia.

Numa palavra, venho comovido e impressionado...

PORTUGAL PODE ORGULHAR-SE DE FÁTIMA.

Às perguntas que já levávamos preparadas, Sua Eminência começou por esclarecer frisando que não podemos transpor para um país soluções oportunas noutro:

— «É uma ilusão profunda, em qualquer terreno, social ou religioso, julgar os problemas da mesma forma. Nem todos os países seguem as mesmas tradições. Nem todos se encontram no mesmo ponto de evolução. O que é excelente em determinado país poderá não o ser noutro.

A verdade não muda evidentemente. Mas pode muito bem adaptar-se nas suas aplicações práticas.

Querem um exemplo?

Fui presidente da Juventude Católica até ir para o Seminário, em 1913. Nessa altura ainda não havia especialização. Se então quisessem estabelecê-la, seria muito cedo, prematuro, teria feito mais mal que bem. Mas nas actuais circunstâncias a especialização é uma necessidade. A maneira de formar apóstolos não pode ser a mesma. Os estudantes são diferentes dos operários, e estes, dos rapazes do campo. Por isso temos de a adaptar a cada categoria . . .

Em conclusão: não há regras absolutas. Há uma só verdade, mas a maneira de a aplicar pode ser modificada consoante o estado de cada país. E assim, *falo ùnicamente da França.*

Então começámos o inquérito:

— Na opinião de Vossa Eminência, qual será a característica predominante no mundo de hoje?

— A ansiedade. A inquietação. A incerteza. Destruiu-se muito na ordem moral. Espiritualmente, construiu-se muito pouco.

A guerra criou um tal estado económico e social que a juventude já não sabe o que há-de fazer no futuro. E levanta-se o problema: — «Terei possibilidade de viver num mundo destes?».

A classe operária vive num estado intolerável, e interroga-se: «Mas para onde vamos nós? Estará no comunismo a salvação?».

Perguntámos a Sua Eminência até que ponto se reflectiam na vida francesa as doutrinas do desespero, e fomos imediatamente esclarecidos:

— Bem vêem, uma crise destas explica o sucesso de tais doutrinas. As almas estavam preparadas para entrar no caminho do desânimo. «O mundo é absurdo! O futuro está fechado!». — Foram terríveis os anos que

se seguiram à guerra. Até suicídios. Na minha diocese, por exemplo, suicidou-se uma rapariga de 20 anos, depois de ler Sartre . . .

Posso afirmar, no entanto, que esse período está já um pouco ultrapassado. Mas hoje, perante tais dificuldades económicas e sociais, muitos se fecharam em si mesmos. Predomina o egoismo. Reina um individualismo desenfreado, sob todos os aspectos.

E isto ainda lhes agrava mais a angústia.

A solução profunda é o Cristianismo, em que o primeiro mandamento vai directamente contra o egoismo. Mas só com uma condição. A de ser um cristianismo sincero, integral, social, completo, total.

O grande mal do mundo de hoje está precisamente na deficiência de grande número de cristãos, que o são apenas de nome ou de tradição.

O mundo de hoje precisa urgentemente de tudo o que o Cristianismo lhe apresenta, mas fica decepcionado com a atitude de certos cristãos.

Quando eles são egoistas, e assim atraiçoam, na vida, os princípios que professam, quando aceitam condições sociais injustas e não se impõem uma vida profundamente cristã . . . então a solução do Cristianismo arrisca-se a parecer desprovida de toda a eficácia.

O remédio, repito, é o Cristianismo, mas com a condição de os cristãos serem cristãos autênticos. É o que falta a muitos. A Acção Católica esforça-se precisamente por incutir nos cristãos o sentido das suas responsabilidades. Já não se trata de ser cristão só para si. Esses seriam apenas meio cristãos, e hoje podem fazer mais mal que bem.

— Nota-se nos actuais escritores católicos a tendência para fustigar o «fariseísmo» de muitos cristãos. Onde iremos nós encontrar a explicação deste modo de proceder?

— Foi precisamente ao verificarem a insuficiência de tais cristãos, que muitos autores modernos começaram a censurar esse «fariseísmo». Caiem no excesso, por vezes. Raciocinam como se todos pudessem ser perfeitos. Magnífico, em teoria, mas na prática é bem pouco razoável. No entanto pode ser proveitoso esse requisitório contra os cristãos superficiais.

Dos problemas da hora presente um dos mais difíceis é seguramente o do comunismo ateu. Por isso não podíamos deixar de pedir a Sua Eminência directivas para o nosso modo de agir perante o comunismo e os comunistas:

— «Os cristãos devem continuar na Caridade, mesmo para com os comunistas. Jesus mandou-nos combater o erro, mas sem sermos implacá-

veis para aqueles que o seguem de boa fé. Por isso não nos interessa o anti-comunismo puramente político ou sociológico.

Temos de combater o comunismo, que ele é essencialmente anti-cristão. Mas só há uma única maneira eficaz de o combater: *tirar-lhe a sua razão de ser.*

O comunismo está sustentado por uma série de injustiças e de sofrimentos. Esforcem-se os cristãos por eliminar esses sofrimentos e essas injustiças, ainda que tenham de renunciar a certas vantagens pessoais, e então o comunismo não poderá conservar a sua influência actual.

É o que Monsenhor Ancel repete a cada instante nos seus artigos».

Foi muito agradável para Sua Eminência, verificar como são bem conhecidos em Portugal os escritos desassombrados do seu precioso Auxiliar. E Sua Eminência deteve-se por alguns momentos focando a influência e autoridade de Monsenhor Ancel no movimento social de hoje sobretudo na Arquidiocese de Lião.

— Como poderemos atingir a cidadela pagã do mundo de hoje no seu ponto mais vulnerável?

— *Pelo espírito de fraternidade* — responde logo Sua Eminência.

O mundo sente a necessidade urgente de fraternidade e de amor. É esse o fim de todos os Congressos de Paz. Mas só o Cristianismo é capaz de estabelecer a verdadeira fraternidade entre os homens.

O Segundo Mandamento é igual ao Primeiro: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo».

Portanto não há espírito cristão onde não houver desejo e esforço de fraternidade.

E assim, *a necessidade mais urgente na Cristandade será estabelecer entre os homens uma fraternidade autêntica.*

— E qual o maior obstáculo que os cristãos levantam à acção da Igreja? — perguntámos nós.

— Precisamente o egoismo que denunciei há pouco. Egoismo dos indivíduos, das classes, dos povos. O Cristianismo tem de combater o egoismo em todos os campos: individual, social, nacional e internacional.

Volto a repetir: quando formos capazes de restabelecer e reorganizar uma sociedade verdadeiramente cristã numa fraternidade leal, não digo que tenhamos a chave da solução para todos os problemas, mas penso que estaremos no caminho de os resolver.

Sem darmos por isso a conversa mudou de rumo, e Sua Eminência falou longamente sobre o prestígio do actual clero francês, precisamente pela posição tomada na resolução destes problemas. Como era inevitável, a nossa curiosidade teria de interrogar Sua Eminência sobre os tão discutidos Padres operários. E Sua Eminência, prevenindo de antemão falsas interpretações, afirmou:

— «No actual estado de coisas, na França, os Padres operários parecem-me o único meio de levar Cristo à massa pagã. Eles não existem com outro fim. Levam consigo um testemunho.

Apostolado perigoso? Julgo que sim. E compreendo perfeitamente que Roma se preocupe. Mas espero que os Padres operários possam continuar a sua missão. Se um dia a Igreja exigir o contrário, todos obedeceremos... mas julgo que a Igreja compreende uma situação como a nossa, *em França.*

Precisamos absolutamente de contar apóstolos entre os operários. É evidentíssimo que esta solução pode não ser nada oportuna noutros países. Compete ao Bispo pronunciar-se».

— Ainda outro aspecto: gostaríamos de saber a opinião de Vossa Eminência sobre a vida comunitária do Clero diocesano...

— «É particularmente desejável. Mas convém não esquecer que o Direito Canónico não obriga, só aconselha.

Na minha Diocese os Padres de determinadas regiões reunem-se periòdicamente: pensam em conjunto, rezam em comum. Quantas vantagens!

Às vezes vários Padres habitam na mesma residência, e daí saem para as paróquias dos arredores. Já não é tão frequente, porque até nas paróquias pouco cristãs gostam de ter o seu Pároco. Não precisam muito dele... mas querem-no lá, apesar de tudo...».

Terminara a entrevista. Mas pedimos ainda a Sua Eminência umas palavras para os Seminaristas dos Olivais...

— «Bem vêem, não é a mim que pertence apontar-lhes o caminho. Têm um Cardeal admirável, honra do Sacro Colégio, a ele é que compete dar-lhes a palavra de ordem.

No entanto, tenho a certeza de que ambos estaremos de acordo:

— «A Igreja desempenha hoje um papel particularmente importante, particularmente difícil. E eu dizia há pouco: é preciso que os cristãos sejam perfeitos. Mas acrescento agora: para isso é preciso que antes os Padres o sejam, porque são eles que os formam, e lhes dão o exemplo.

Hoje só há uma palavra de ordem: SANTIDADE SACERDOTAL.

Na verdade, sempre foi preciso que os Padres fossem fervorosos, mas hoje ainda é mais necessário.

Só a Igreja pode arrancar o mundo à sua angústia, à sua inquietação. Proudhon escreveu: «Chegou a hora em que o mundo tem de escolher entre a Revolução e a Igreja». Verdade bem profunda.

A Igreja precisa de se impor aos que duvidam. Há-de consegui-lo quando os Católicos forem perfeitos e os Padres santos. Ora os Padres de amanhã serão o que forem os seminaristas de hoje. E na medida em que trabalharem sèriamente por adquirir as virtudes sacerdotais, eles estarão a preparar a verdadeira revolução.

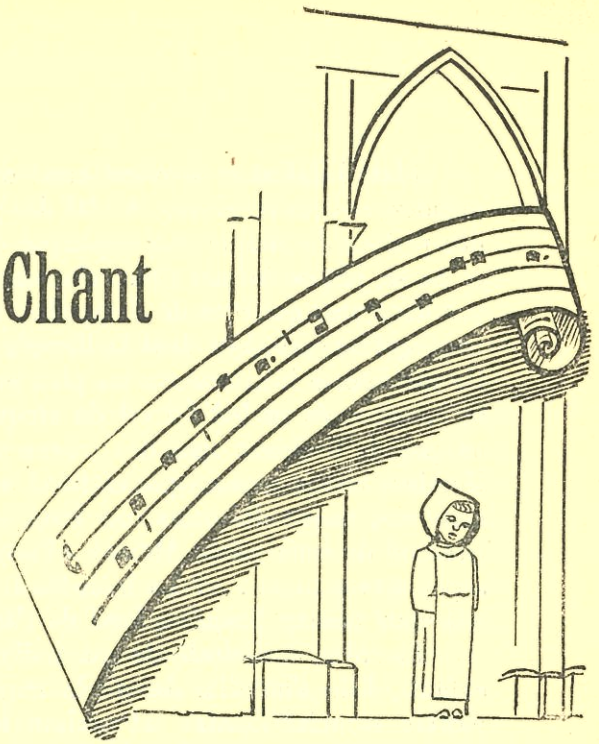
Sim, porque também a *Igreja quer uma revolução. Mas uma revolução no amor, e não no ódio, uma revolução na justiça, e não no egoismo.* E para isso, PRECISA DE SANTOS.

F. C.-A. J.

São maus os tempos? Parece ter-se aberto o inferno, e não haver lugar para a esperança. Pois foi a estes tempos que fomos enviados, para lhes levar a salvação. Jesus não deixou de ser o Salvador, e o Evangelho não perdeu a eficácia.

Cardeal Patriarca na exortação ao clero em 1951

Les Caractères du Plain-Chant



Le plain-chant est l'interprète de la prière de l'Eglise, de celle de chacun de ses membres en particulier, et de toute la collectivité réunie autour de l'autel. Son but est de faire ressortir, de souligner certaines pensées de cette prière, de les faire entrer mieux dans notre esprit et notre cœur, de nous faire prier mieux en somme.

La prière vocale, mais silencieuse, reste trop souvent au bout de nos lèvres, elle ne suscite pas toujours en nous les sentiments que son texte exprime. C'est pourquoi notre Mère nous la fait chanter, par nous mêmes, ou par une chorale qui doit servir alors d'interprète de toute l'assemblée.

Or la prière est variée; celle de l'Eglise surtout comporte une grande diversité tant de forme que de fond. Trop souvent la prière du simple fidèle se réduit à des demandes de grâces, corporelles ou spirituelles, et ne sait pas s'élever au dessus des choses humaines et temporelles. Le Seigneur ne nous a-t-Il pas appris cependant à commencer notre prière par la glorification de son Père: «Que votre Nom soit sanctifié», à Lui souhaiter toute la gloire et tout bonheur: «Que votre règne arrive»? C'est pourquoi la prière de l'Eglise, notre Mère, est avant tout une prière de louange et d'actions de grâces. Elle qui aime son Epoux se plaît a le Lui témoigner, elle aime à Le contempler dans sa divine bonté et sa justice infinie: «Justus es, Domine, et rectum judicium tuum» (Intr. XVII Dim apr. Pent.). Son bonheur est que Dieu soit connu, adoré, aimé de tous les peuples de la terre: «Omnes gentes, plaudite manibus: jubilate Deo in voce exsultationis» (Intr. XVII Dim. apr. Pent.). Sachant que, tout ce qu'elle est et tout ce qu'elle a vient de Lui, elle le Lui témoigne, elle lui en rend grâces: «Suscepimus, Deus, misericordiam tuam» (VIII Dim apr. Pent.).

Mais l'Eglise se souvient aussi des paroles du Sauveur, disant: «Demandez, et vous recevrez». A côté des prières de glorification et de louange, des prières de simple contemplation de la grandeur de Dieu, de sa bonté et de sa justice infinie (car cela aussi est «prier»), notre Mère nous met sur les lèvres quantité de demandes, et cela non seulement dans les *Oraisons*, qui se succèdent dans la liturgie, mais aussi dans les pièces chantées. Ce sont même bien souvent les plus prenantes, les plus expressives. Qui ne se souvient de ce bel *Introit* du cinquième Dimanche après Pentecôte (je ne prends à dessin que des pièces plus connues du Graduel) «Exaudi, Domine, vocem meam, qua clamavi ad te; adjutor meus esto, ne derelinquas me, neque despicias me, Deus salutaris meus»? Ou bien encore du Graduel de cette même Messe: «Protector noster aspice, Deus: et respice super servos tuos . . .»? La mélodie autant que le texte ont ici une chaleur qui nous rémeut jusqu'au fond de l'âme.

Et enfin, consciente de son indignité, des souillures qui déparent ses enfants, Elle s'humilie devant la majesté souveraine de Dieu demandant pardon et miséricorde: «Populum humilem salvum facies, Domine . . . (Offrt. VIII Dim. apr. Pent.) «Si iniquitates observaveris, Domine, Domine quis sustinebit?» (Intr. XXII Dim.).

Voilà la prière de l'Eglise dans toute sa richesse et toute sa variété. Il est clair que, si le chant veut en être l'interprète fidèle, il doit avoir cette même richesse et cette même variété, et cela, soit dit dès maintenant, non seulement dans sa composition objective, dans son harmonie interne et la forme de ses mélodies, mais aussi dans son exécution. Le plain-chant, en effet, ne serait pas de la vraie musique vocale, si ses mélodies ne s'inspiraient du texte qu'il prétend mettre en évidence. Il ne se chante pas pour lui-même et pour charmer par de vains sons l'oreille de ceux qui l'écoutent, mais bien pour qu'à travers ces oreilles une pensée salutaire pénètre dans l'âme, ou que, chez celui qui chante, cette pensée puisse prendre son essor. Il est bien vrai que les règles d'après lesquelles ses mélodies ont été composée autrefois, et qu'il est si difficile à retrouver, plus difficile encore à appliquer aujourd'hui, que ces règles aient été plus simples que celles qui guident le compositeur moderne. Cela n'empêche cependant que, tout en étant obligé de rester dans le cadre traditionnel, l'artiste avait encore assez de liberté dans le choix des tonalités et des fioritures pour donner à sa mélodie un cachet propre, adapté au sentiment du texte. Il en était un peu comme de l'iconographe grec ou russe: bien qui celui-ci doive, encore aujourd'hui, respecter scrupuleusement les formes traditionnelles dans leur

ensemble, il peut se permettre certaines libertés de détail qui feront de sa peinture une oeuvre personnelle. Mais précisément ces détails ne sont pas aperçus de tout le monde. Et c'est pourquoi, pour revenir au plain-chant, beaucoup de personnes ne voient guère de différence entre les pièces grégoriennes, pour elles, celles-ci sont à peu près toutes les mêmes. C'est que ces personnes n'aperçoivent que le *genre*, qu'elles opposent alors au genre profane et moderne qu'elles sont habituées en entendre autour d'elles. Or il est évident que la musique profane et moderne présente une variété plus grande et une richesse plus éclatante que la maigre musique grégorienne, ne fut-ce que par le seul fait de son harmonie que nous appelerions volontiers concomitante, par opposition à l'harmonie interne dont nous avons parlé plus haut. «Une succession de sons divers, écrit Gévaert, n'a de sens musical et expressive qu'autant que la coordination des sons ou, à un degré esthétique plus élevé, leur subordinnation à un son principal, puisse être saisie, ou au moins sentie, par l'auditeur. Ce qui guide l'intellect ou le sentiment, ce qui relie tous les sons d'une idée musicale en un faisceau c'est l'harmonie dans son acception la plus large». Autant dire: l'harmonie interne. «A l'audition d'une mélodie homophone, continue-t-il, «les fonctions harmoniques ne se déterminent que peu à peu, l'une après l'autre, et l'harmonie totale, le mode, ne se révèle complètement qu'avec la dernière note de la phrase mélodique, en sorte que la compréhension de l'auditeur est rétrospective, pour ainsi dire. Dans l'art polyphonique, au contraire, l'oreille ne reste pas un moment dans l'incertitude sur les fonctions harmoniques des sons de la mélodie; un ou deux accords suffisent pour déterminer la tonalité. «Il est clair qu'une différence si foncière doit avoir des conséquences sérieuses pour l'auditeur. Nous ne voulons en relever qu'une seule, mais qu'il est utile d'avoir devant l'esprit lorsqu'on veut apprécier à sa juste valeur le Plain-chant. «Tout au rebours de nous», c'est encore Gevaert qui parle, «les Anciens ne cherchaient point l'imprévu dans les sensations musicales. La première impression d'une mélodie tout à fait nouvelle avait pour eux quelque chose d'indécis, partant de peu agréable. En revanche les impressions que nous procure une mélodie homophone ne s'émoussent pas par une fréquente audition, comme cela arrive incontestablement pour la musique polyphone; loin de s'affaiblir, elles se fortifient par l'accoutumance et à la longue nous pénètrent tout entier». Il faut une certaine habitude, une certaine éducation (n'est-elle pas nécessaire, au fond, pour l'appréciation de tout art?). Or c'est le manque de cette éducation — autant chez les chantres que chez les fidèles qui les écoutent — qui est cause que

le plain-chant n'est pas apprécié à sa valeur. Trop de personnes, hélas, nous l'avons déjà dit plus haut, ne s'aperçoivent, en entendant chanter à l'église, que le *genre* grégorien qu'elles mettent spontanément en opposition avec le *genre* profane. N'étant pas sufisamment familières avec les mélodies grégoriennes, le détail leur en échappe. Elles se trouvent un peu dans la condition du citadin pour qui un troupeau de brebis présente un ensemble agréable à voir, peut-être, mais uniforme. Pour le pasteur au contraire, il n'y a pas deux brebis qui soient identiques: chacune a son allure, son caractère propre. Ainsi en est-il des différentes pièces du répertoire grégorien; pour qui sait distinguer entre les différents modes, d'après lesquels elles ont été composées, et dont les anciens tenaient tant compte en voulant exprimer tel ou tel sentiment en particulier, les messes du temps pascal, par exemple, ont toutes un cachet spécial, tout différent de celui des messes du Carême ou de l'Avent. Mette-t-on regard une série de *Communions* et une autre d'*Introits* ou de *Graduels*, l'on s'aperçoit aussitôt de l'allure propre à chacune. Chante-t-on quelques *Alleluia*'s après une suite de *Traits*, l'on est frappé de la divergence d'allure et de composition. Et même entre ces *Alleluia's*, ces *Communions* et ces *Offertoires*, que de diversité, que de variété, non seulement d'après les *modes* dont s'est servi le compositeur — et nous avons déjà vu qu'il en faisait un choix bien déterminé — mais encore d'après les intervalles et même les neumes. Que l'on fixe une fois bien tel ou tel *Offertoir*, ou telle *Communion*, et l'on s'apercevra que dans l'un le *porratus* revient à tout instant, dans tel autre la *tristropha*, ou le *torculus*, ou le *pressus*, et cela à des hauteurs similaires. Il saute au regard que cela donne une certaine unité à la pièce, mais aussi lui prête un caractère toute à fait *sui generis*.

Il est donc vrai que le plain-chant a dans son ensemble un caractère propre qui le distingue de toute autre musique vocale, et c'est ce caractère aussi qui lui prête la beauté qui s'y cache incontestablement, pourvu que l'on puisse l'apercevoir.

Dom Suitbert Caron O.S.B.

Mont-César, Louvain

CRÓNICA

Encerramento do Ano Santo

Na medida do possível, combinámos a nossa vida de seminaristas com o fervoroso movimento de catolicidade que se ia desenrolando nesses dias. Assistimos a algumas sessões do Congresso Internacional da Mensagem de Fátima, de que conservaremos bem vivos os momentos inesquecíveis do Pavilhão dos Desportos, quando, por entre os milhares de cristãos ali reunidos, ia passando o Santo Padre, na pessoa de Sua Eminência o Cardeal Legado. Como parte integrante da Cristandade, lá estivemos também, em homenagem ao representante pessoal do Sumo Pontífice.

Seguimos com o máximo interesse a retransmissões das cerimónias na Cova da Iria. O dia 13 vivemo-lo em união com as centenas de milhar de peregrinos ali reunidos.

Não pudemos ir a Fátima apreciar condignamente a universalidade da mensagem de Nossa Senhora. Mas tivemo-la bem confirmada aqui no Seminário. Foram nossos hóspedes alguns dos mais ilustres visitantes que se encontravam em Lisboa por ocasião do Congresso.

A Oceania, representava-a Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo de Timor. Da Ásia, estava Sua Ex.a Rev.ma, Senhor Patriarca das Índias, e à delegação africana presidia o Cardeal do Império, D. Teodósio de Gouveia.

Da Espanha estavam Sua Eminência o Sr. Cardeal D. Pla y Daniel, Arcebispo de Toledo, Sua Ex.a Rev.ma o Sr. Arcebispo de Madrid e Alcalá, Patriarca das Índias Ocidentais, e Sua Ex.a Rev.ma o Senhor D. Angel Herrera, Venerando Bispo de Málaga, que deixou à nossa revista umas faúlhas do fogo interior que o anima.

A França estava magnìficamente representada por Sua Eminência o Senhor Cardeal Gerlier, Arcebispo de Lião, Primaz das Gálias, de quem publicamos hoje um testemunho magnífico sobre algumas posições da Cristandade actual.

De menor interesse jornalístico, foi especialmente proveitosa a visita do Rev.mo Reitor e alunos do Pontifício Colégio Russo, acompanhados por D. Paulo Meletieff, Bispo titular de Heracleópolis.

Ocasião única para assistirmos à Santa Missa celebrada na liturgia bizantino-eslava, de S. João Crisóstomo. O fundo litúrgico é essencialmente constituído pelas Ladaínhas, e comunga-se sob as duas espécies. O Santo Sacrifício valeu como símbolo: ficámos a compreender como em todas as línguas da terra se pode louvar o Senhor, como a Boa Nova veio para todos os povos, e como não exclui diversidades de línguas, temperamentos e tradições.

Mas só a presença entre nós daqueles seminaristas de toda a Europa era já um testemunho bem vivo e eloquente da actuação de Cristo na sua Igreja.

Fez-nos uma breve conferência um aluno do 4.º Ano de Teologia do Colégio Russo. Engenheiro, antigo militante comunista, foi feito prisioneiro na última guerra, pensou... veio a graça, e hoje canta a Bondade do Senhor que o dirigiu no bom caminho.

Perguntei-lhe qual a sua atitude a respeito de Deus, quando ainda não passava de um cidadão honrado do regime soviético:

— «Bem vê, não me interessava o problema. Sentia apenas um vazio na alma, um anseio... qualquer coisa de inexprimível. O certo é que uma vez católico essa inquietação desapareceu por completo».

E a figura venerável de D. Paulo Meletieff, antigo Bispo Ortodoxo, que também um dia foi iluminado pela graça... Ele nos disse como foi, num depoimento que publicaremos na devida altura, querendo Deus, no número de Janeiro, dedicado ao problema da união das Igrejas.

Continuaremos em contacto com os nossos irmãos do Colégio Russo. Eles mostraram-nos a catolicidade da Igreja e deixaram-nos mais abertos à universalidade do Reino de Deus, fizeram-nos perder o que porventura ainda haveria em nós de particularismos de capelinha.

Academia de Santo António

Iniciou os trabalhos a 14 de Outubro, este ano sob a direcção do Rev. Fernando Bernardino Maurício, coadjuvado pelos Reverendo Joaquim Bernardo (da Diocese de Beja) e João Gouveia da Conceição (da Diocese do Funchal).

A sessão inaugural foi uma espécie de reportagem do Congresso da Mensagem de Fátima. Por entre trechos de boa música focava-se ràpidamente a personalidade de cada um dos oradores, e liam-se os melhores passos das respectivas teses apresentadas. A encerrar esta evocação de dias históricos, Sua Excelência Rev.ma o Senhor Cónego Dr. António de Figueiredo Sarmento bordou algumas considerações sobre o nosso meio católico-intelectual, pondo em relevo a penúria de mentores católicos que se imponham ao mesmo tempo na vida intelectual.

= A 11 de Novembro voltou a reunir-se a Academia. E foi apresentado o primeiro trabalho da série que a Direcção escolheu para este ano. O Reverendo João Maria Gomes Trindade, com grande simplicidade e clareza, focou a actualidade do problema da «Eutanásia» e as suas relações com a lei penal, a medicina e a lei moral. Em conclusão afirmou que «respeitava a personalidade humana e compreendido o valor real da dor, a prática da entanásia será um absurdo».

Alguns académicos levantaram objecções contra certas afirmações discutíveis, e por fim o Rev.mo Senhor Padre José Honorato Rosa esclareceu as dificuldades e mostrou, num bosquejo rápido, como foi possível chegar a este aniquilamento da personalidade, relembrando a frase célebre de grande pensador moderno, o jesuita francês Padre Daniélou: «O homem longe da Fé perde o sentido do humano».

= A Secção de Filosofia, este ano dirigida pelo aluno do 3.º Ano Fernando da Piedade Melro, inaugurou as actividades no dia 4 de Novembro.

Nessa primeira reunião o académico Joaquim Júlio Cardoso apresentou com perfeição alguns aspectos da obras de Eça de Queirós, insistindo especialmente em como o Realismo encarava o problema do Além.

Também se exibiu um admirável quarteto de alunos de Filosofia, muito aplaudido em maravilhosos números de folclore russo, tão variado e expressivo.

Coro Polifónico

Trabalho não tem faltado ao nosso Coro Polifónico, e ao regente infatigável, Rev.mo Senhor Padre Viçoso Freire.

Foi o Pontifical Solene na abertura do Congresso da Mensagem de Fátima, foram as saídas para as respectivas sessões.

No terceiro Domingo de Outubro comparecemos nas Caldas da Rainha para a Bênção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, templo magnífico que afirma a presença da Arte moderna ao serviço das almas e simboliza a renovação espiritual da graça no íntimo das consciências.

No dia de Cristo-Rei também não faltámos na Sé, ao juramento dos novos dirigentes da Acção Católica, nem à noite, no Pavilhão dos Desportos, à sessão solene, que foi toda ela um acto de confiança na Hierarquia.

Exposição de Arte Missionária

O espírito missionário não é pertença exclusiva das Congregações especialmente consagradas à salvação dos infiéis. É uma exigência intrínseca do nosso Cristianismo.

É uma consequência do dinamismo interior da Fé, que nos leva a comunicá-la aos que a não possuem ainda.

Na sessão familiar que organizámos na Semana das Missões, Sua Ex.a Rev.ma o Sr. Arcebispo de Cízico, que presidia, lançou uns esclarecimentos oportuníssimos sobre a cooperação entre Clero Missionário e Diocesano, e insistiu especialmente sobre a nossa futura responsabilidade como Párocos, na escolha das vocações missionárias.

Porque no fundo, todos, seminaristas, diocesanos ou missionários, todos nos preparamos para uma tarefa comum: o Apostolado, estabelecer o reinado de Cristo na sociedade e nas almas; uns, em terras de infiéis, outros, em terras descristianizadas...

= Muito nos afervorou o amor às Missões a visita inesquecível à Exposição Internacional de Arte Sacra Missionária.

No ambiente maravilhoso do Claustro Manuelino, verificámos como a Igreja se adapta a todos os povos, e sentimos ao mesmo tempo o legítimo orgulho de descendentes dos grandes iniciadores do movimento missionário na era moderna.

A Arte Africana apresentava muita ingenuidade e singeleza. Pertencia sobretudo a regiões onde o Cristianismo atingiu pleno desenvolvimento, mas ainda sem a base classificadora de uma Tradição antecedente. Por isso a Arte Oriental era mais expressiva, tinha mais «garra», deixava adivinhar uma longa Tradição.

Sobretudo a Arte Indiana, que atingiu há muito plena maturidade. Essa tradição garantiu-lhe uma segurança equilibrada, síntese perfeita do sentido cristão e do simbolismo oriental.

Deixei a sala da Índia e fui debruçar-me sobre o Claustro, iluminado a preceito, com equilíbrio e bom gosto. E recordei as embaixadas que dos Jerónimos saíram para a Índia, a espalhar a semente fecunda da palavra de Deus.

E como as gotas minúsculas que o repuxo lá em baixo ia atirando para longe, assim essa palavra tinha frutificado magnìficamente, os resultados eram bem palpáveis, acabara de os admirar momentos antes...

Vida desportiva

Entraram já na normalidade as aulas de Ginástica, sob a direcção competente do Sr. Professor Enes Ferreira, do I. N. E. F.

A época de inverno é bem propícia à prática do futebol. Têm sido bem disputados os encontros entre os dois «grandes», os tradicionais Botafogo e Canelas, e entre os respectivos filiados, «Jucas e Cariocas».

Começou já um torneio de voleibol entre as equipas representativas dos seis cursos do Seminário. Os grupos ainda não atingiram a boa forma das épocas anteriores...

A Associação do Santo Condestável organizou o primeiro torneio oficial de ping-pong, entre Pavilhões. Nítida superioridade dos teólogos que acabaram por vencer a selecção de Filosofia por 4-1.

Tudo num ambiente de desportivismo, é bem de ver, no esforço enérgico por realizar a máxima: «Uma alma sã num corpo são».

Nossa Senhora de Fátima

Foi uma espécie de prolongamento da vibração espiritual de 13 de Outubro a visita de Nossa Senhora de Fátima à freguesia de Moscavide, de 7 a 11 de Novembro. Nosso Senhora gosta do sacrifício. E não exigiu pouco aos milhares de fiéis que foram esperá-la ao termo da freguesia. Tanto tempo em pé e debaixo de aguaceiros sucessivos...

No Sábado à noite, em solene Procissão de Velas, Nossa Senhora veio para o Seminário. Passámos a noite em velada à Rainha da Paz. Mas o mau tempo não permitiu a Missa Campal no dia seguinte. E o Ginásio era pequeno para tanta gente...

Mas o eco das nossas preces dobrava o entusiasmo e aquecia os corações. Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Priene, em linguagem simples e acessível, explicou o que a Virgem esperava de cada um dos assistentes, e mostrou que para todos veio a mensagem da salvação.

E numa procissão bem organizada, Nossa Senhora seguiu para a freguesia de S. João da Talha. Acompanhámo-la até à ponte de Sacavém, com as nossas orações e os nossos cantares.

Que a visita de Nossa Senhora de Fátima fique assinalada por um retorno dos filhos transviados, e marque o início da revolução interior das almas em Moscavide.

Um livro que lhe é útil

«Acção Católica e Acção Social» — Col. «O Pensamento da Igreja» — S. E. T. — Lisboa.

Para praticar, temos de conhecer. E é bem triste verificá-lo, o conhecimento da doutrina da Igreja não passa de privilégio de um escol afortunado de intelectuais...

No campo social, por exemplo, a grande maioria dos cristãos não sabe que a Igreja tem uma doutrina bem concreta e definida. Continuam a ser cristãos na igreja e a portarem-se «como os outros» nas relações sociais...

Alguns que pensam mais a sério estes problemas, aceitam soluções espúrias que lhes vai doseando a chamada «imprensa neutra», (mesmo a da situação...), além do trabalho suave de editoriais suspeitas.

Conheço um operário, sincero e bem intencionado, que foi buscar resposta aos problemas sociais no «Germinal», de Zola.

Poderão objectar que ele andava mal informado... É bem certo. Entre nós já se publicaram as Encíclicas Sociais. Mas o facto só vem confirmar que ainda não entraram nos meios fabris e nos meios rurais. Repito: como hão-de ser capazes de praticar o que desconhecem?

*

Em boa hora a S. E. T. tomou a iniciativa de levar a doutrina da Igreja a todos os recantos de Portugal. E começou por um opúsculo oportuníssimo, da série «Social»: «*Acção Católica e Acção Social*».

O problema é urgentíssimo e complexo. Porque a Acção Católica, «participação dos leigos no apostolado da Hierarquia», trabalha na reconquista da sociedade para Cristo. A sua acção é espiritual, como a acção da Igreja; mas a Acção Católica é um movimento de leigos que vivem neste mundo, e querem reconquistar a sociedade actual.

Ora até que ponto pode e deve imiscuir-se na vida temporal?

Que aspirações poderá alimentar a modificar a estructura temporal da sociedade?

Em resumo: quais as suas obrigações na acção social?

Responde o presente volume. E não o faz pela boca de algum católico bem formado. Respondem os Sumos Pontífices, e com a firmeza da rocha em que está edificada a Igreja.

A intervenção da Igreja é mais urgente e necessária no campo social. A revolução terá de dar-se, pacífica ou sangrenta, na calma ou na violência.

E os cristãos têm de estar prontos a aguentar o embate e a passar logo à ofensiva.

*

As grandes linhas do ensinamento social deram-nas Leão XIII e Pio XI. Mas veio Pio XII a esclarecê-las e precisá-las, fixando-lhes o sentido. Mensagens do Notal e do Pentecostes, discursos a organismos especializados da Acção Católica, constituem um manancial inesgotável de directivas para os cristãos de hoje.

Numa obra de fácil consulta, os alunos da Escola Social de Málaga extrairam do contexto e ordenaram as partes fundamentais destes discursos, dando-nos, em menos de cem páginas, toda a doutrina, num encadeamento perfeito.

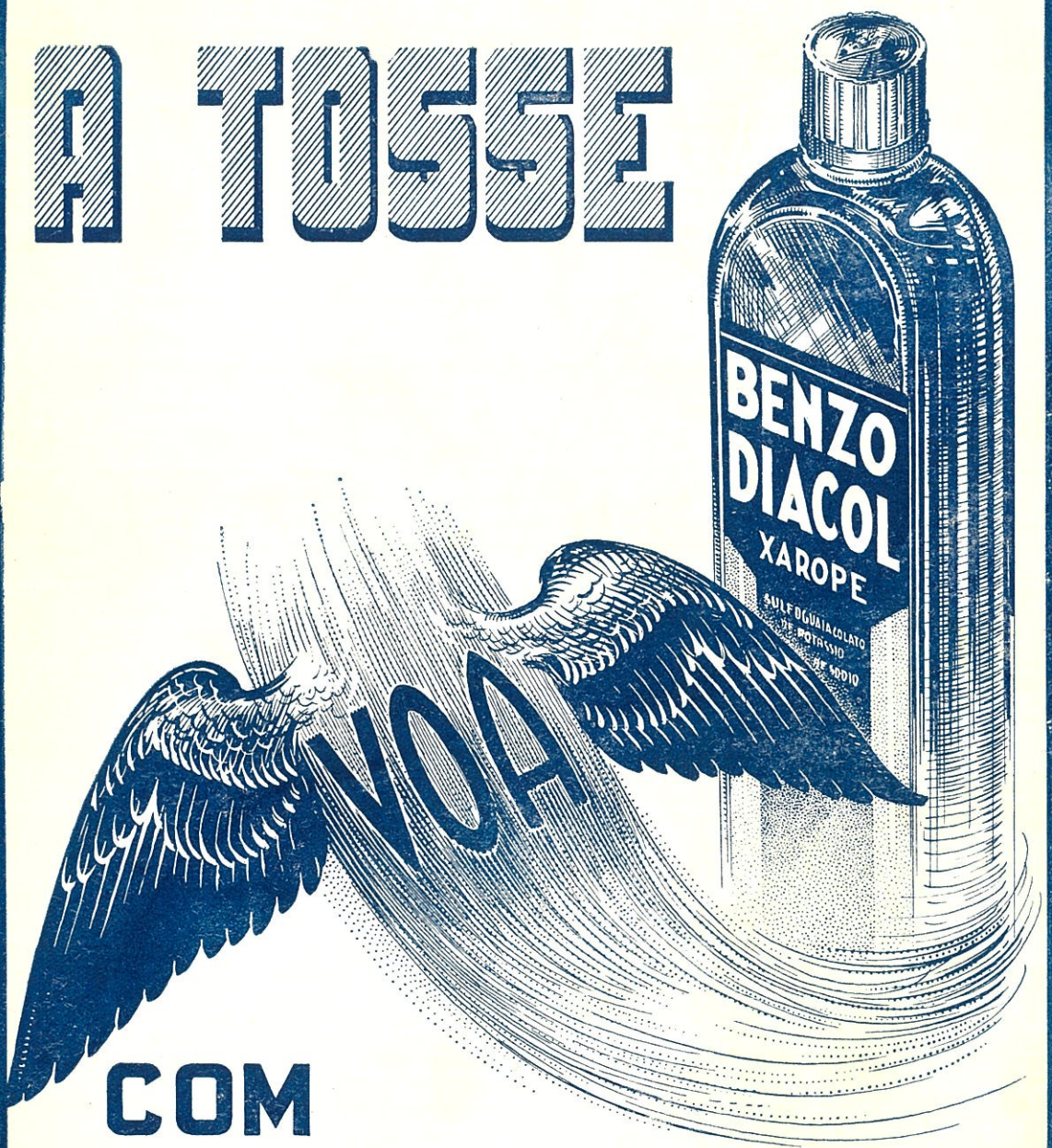
Eis porque esta obra pequenina, útil e oportuna para todos os cristãos, é especialmente necessária aos sacerdotes que têm de formar esses mesmos cristãos.

Ainda há pouco aqui se publicava uma entrevista com S. Ex.ª Rev.ma D. Angel Herrera, precisamente o fundador da Escola Social de Málaga, a organizadora deste volume; e S. Ex.ª Rev.ma logo nos disse que a Acção Social não podia ser obra excensiva de leigos, mas tinha de receber o impulso da Hierarquia.

Sim, a Acção Católica é obra de leigos, a Acção Social é essencialmente, obra de leigos, mas o sacerdote está na base da Acção Social, como está na base da Acção Católica, a preparar esses cristãos, a confirmá-los na Fé, a robustecê-los com os Sacramentos, e a enviá-los para a luta pela expansão do Reino de Deus.

A. J.

A TOSSE



COM

BENZO-DIACOL